

UMA ANÁLISE DA IMAGEM DA MULHER OCIDENTAL NA ARTE E NA LITERATURA: de deusa à vítima

AN ANALYSIS OF THE WESTERN WOMAN'S IMAGE IN ART AND LITERATURE: from goddess to victim

Antonio Felipe de Sousa¹

RESUMO

A representação feminina na arte e na literatura ao longo da história revela dinâmicas socioculturais de gênero. Desde a Antiguidade, a mulher transita de deusa a vítima, refletindo a mudança de uma reverência patriarcal para papéis subalternos e a negação de direitos básicos. Narrativas gregas e romanas divinizavam a figura feminina, mas dentro de uma estrutura patriarcal. Com o tempo, a autonomia feminina foi usurpada, evidenciada em sacrifícios e abusos na Grécia Antiga e Idade Média. Movimentos feministas provocaram uma evolução para uma imagem mais autônoma e guerreira. Este estudo analisa a trajetória da representação feminina, destacando a necessidade de reavaliar estruturas que restringem a participação feminina na arte, especialmente nas representações na Grécia Antiga, com foco em narrativas literárias e visuais que exploram o sacrifício ritualístico e o abuso sexual de jovens mulheres, temas retratados em telas e peças decorativas.

Palavras-chaves: Representação feminina. Arte e literatura. Direitos básicos. Dinâmicas de gênero. Movimentos feministas.

ABSTRACT

Female representation in art and literature throughout history reveals sociocultural gender dynamics. Since Antiquity, women have transitioned from goddess to victim, reflecting the shift from patriarchal reverence to subordinate roles and the denial of basic rights. Greek and Roman narratives deified the female figure, but within a patriarchal structure. Over time, female autonomy was usurped, evidenced in sacrifices and abuses in Ancient Greece and the Middle Ages. Feminist movements provoked an evolution towards a more autonomous and warrior image. This study analyzes the trajectory of female representation, highlighting the need to reevaluate structures that restrict female participation in art, especially in representations in

¹ Mestrando em Filosofia e Educação. Especialista em Neuropsicopedagogia. Pedagogo. Graduando em Direito (3º semestre) pela Faculdade 05 de Julho. Bolsista de Iniciação Científica desta IES. Membro do GESPP. E-mail: professorantoniofelipe@hotmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2104305957238308>.

Artigo recebido para publicação em 22/10/2023 e aprovado para publicação em 23/08/2024.

Ancient Greece, focusing on literary and visual narratives that explore ritualistic sacrifice and sexual abuse of young women, themes portrayed on canvas and decorative pieces.

Keywords: Female Representation. Art and Literature. Basic Rights. Gender Dynamics. Feminist Movements.

1 INTRODUÇÃO

A exploração do papel e da representação da mulher na arte e na literatura é relevante, pois reflete as dinâmicas socioculturais ao longo das diferentes eras históricas. Esta investigação não apenas ilustra a evolução das concepções sobre o feminino, mas também revela o diálogo contínuo entre arte, literatura e as dinâmicas de gênero.

Historicamente, a imagem da mulher transitou de deusa a vítima, e, impulsionada pelo feminismo, evoluiu para uma figura guerreira e autônoma. Este percurso demarca não só a evolução da imagem feminina, mas oferece uma lente para examinar as transformações sociais e culturais inerentes a cada período histórico. Na Antiguidade, por exemplo, a mulher era frequentemente divinizada, associada à fertilidade, beleza e poder. As culturas gregas e romanas, com suas deusas reverenciadas como Atena, Afrodite, Ceres e Vesta, exemplificam esta concepção primordial do feminino, refletindo uma veneração pelo feminino nas obras de arte e na literatura da época. No entanto, como Griselda Pollock (1988) apontou, esta representação estava inserida em uma estrutura patriarcal e eurocêntrica.

A despeito da veneração inicial, a história é marcada por uma usurpação sistemática dos direitos e da autonomia das mulheres, que foram relegadas a papéis subalternos e frequentemente despojadas de sua liberdade e agência. Este roubo de liberdade e outros direitos fundamentais das mulheres é um reflexo das estruturas patriarcais que prevaleceram, limitando sua participação e representação em várias esferas da vida, incluindo a arte e a literatura. Segundo a filósofa Simone de Beauvoir (1980), em sua obra "O Segundo Sexo" (de 1949), essa subordinação histórica das mulheres é uma construção cultural que atravessa várias épocas e culturas, perpetuando a desigualdade de gênero.

O núcleo desta investigação é a evolução da representação da mulher, explorando como as mudanças socioculturais e históricas influenciaram a imagem feminina na arte e na literatura. O objetivo geral é analisar a trajetória da representação feminina desde sua divinização nas eras mais antigas até as representações mais contemporâneas, muitas vezes marcadas por uma narrativa de vitimização. Especificamente, busca-se desvendar como diferentes períodos históricos e movimentos artísticos e literários contribuíram para a construção da imagem feminina.

Este estudo se justifica pela necessidade de compreender como as representações culturais da mulher influenciam as percepções socioculturais sobre o gênero feminino, e como essas representações foram contestadas ou redefinidas ao longo do tempo. Em relação a essa discussão, Linda Nochlin (BLUMBERG, 2024) propôs uma reflexão crítica sobre a posição das mulheres no campo artístico, questionando a histórica ausência de grandes artistas mulheres não devido a uma falta de talento inerente, mas às estruturas sociais e institucionais que restringiram seu status no domínio da arte.

A pesquisa foca principalmente nas representações femininas na Grécia Antiga, com especial atenção às narrativas literárias e visuais que exploram o sacrifício ritualístico e o abuso sexual de jovens mulheres, retratado em telas e peças decorativas. Loraux (1995; NICOLE, 2003) associou o sacrifício de virgens nas tragédias ao sacrifício de animais, prática comum em rituais da cultura antiga. O estudo se divide em duas partes principais: uma exploração da evolução da representação feminina na arte e na literatura ao longo dos séculos, e uma análise mais detalhada do contexto específico da Grécia Antiga e da Idade Média.

A organização do estudo se dará por meio de uma análise cronológica, explorando a evolução da imagem da mulher na arte e na literatura, seguida de uma análise temática que destaca os principais temas e narrativas associadas à feminilidade. Além disso, será dado um enfoque especial aos questionamentos femininos que surgem em diferentes momentos históricos, buscando romper a linha da tradição e redefinir os discursos dominantes sobre a feminilidade.

A literatura e a arte são espelhos da sociedade, refletindo não apenas as normas e valores culturais, mas também os desafios e as aspirações de uma época. A representação da mulher, em suas múltiplas facetas, oferece uma janela para a compreensão das dinâmicas de gênero e poder que permeiam a sociedade ocidental. Este estudo visa desvendar as complexas narrativas que moldam a imagem da mulher, oferecendo uma análise crítica sobre como essa imagem foi construída, desafiada e transformada ao longo do tempo. A investigação proposta contribuirá significativamente para uma compreensão mais profunda das interações entre gênero, arte e literatura, lançando luz sobre as maneiras como a representação da mulher na arte e na literatura reflete e influencia as percepções e atitudes socioculturais.

2 DESENVOLVIMENTO

A análise de Griselda Pollock (1988) sobre a representação feminina na arte e literatura examina as dinâmicas socioculturais moldadas pelas concepções de gênero. Esta trajetória, indo de representações divinizadas a expressões de autonomia e resistência, é crucial para entender as inter-relações entre gênero, arte e sociedade. Além disso, reflete a realidade de como os direitos básicos das mulheres foram usurpados e cerceados historicamente. Argumentamos que, apesar da marginalidade² percebida da arte, discursos privilegiados sobre ela propagaram conceitos de Eurocentrismo e supremacia masculina. Essas narrativas, ao estruturar o estudo da arte, reforçam uma visão histórica que, por um lado, consolida o gênero como um eixo de poder e, por outro, serve como um símbolo de exclusão e desvalorização. Corrigir as omissões históricas que ignoraram as contribuições femininas na arte é um passo vital para reescrever os discursos culturais e valorizar a participação feminina na atividade cultural criativa. A seguir, uma citação direta de Griselda Pollock ilustra esse ponto:

² A marginalidade mencionada no texto se refere à posição periférica e subalternizada das mulheres na história da arte. Griselda Pollock (1999, p. XXIII-XXXIII), em sua obra “Diferenciando o Cânone: Desejo Feminista e a Escrita de Histórias da Arte” (1999), aborda essa questão, destacando como as mulheres foram historicamente excluídas e desvalorizadas no contexto artístico. A expressão é diretamente atribuída a ela, e sua análise enfatiza a necessidade de corrigir essas omissões e valorizar as contribuições femininas na atividade cultural criativa.

Argumentamos que, apesar da marginalidade enganosa da arte em termos materiais e políticos reais, os discursos privilegiados sobre a arte serviram a propósitos simbólicos que disseminaram, além de sua própria esfera privilegiada, conceitos de Eurocentrismo e supremacia masculina. As narrativas centrais que codificam o inconsciente político do falocentrismo ocidental servem não apenas para estruturar o estudo das histórias da arte, mas para estabelecer uma história da arte como A História da Arte, a lenda canônica da criatividade masculina cristã ocidental que se torna sinônimo de arte, pura e simples. Contra essa criação formal de uma versão do passado que serve para consolidar o gênero como um eixo de poder de um lado e, de outro, como uma marca de exclusão e desvalorização, não é útil visar apenas corrigir as negligências e a ignorância que levaram a história da arte a ignorar a arte de quase todas as mulheres que participaram da atividade cultural criativa. (POLLOCK, 1999, p. XVII)

A inquirição sobre as representações culturais femininas e sua reverberação nas percepções socioculturais sobre o gênero feminino é vital, especialmente ao observar como essas representações foram desafiadas ou redefinidas ao longo do tempo. Nesse sentido, Linda Nochlin (1971) propôs uma análise crítica sobre a posição das mulheres no domínio artístico, desvendando a histórica ausência de grandes artistas mulheres não como um reflexo de falta de talento inerente, mas como um produto das estruturas sociais e institucionais que limitaram seu status no reino da arte. Essa discussão é ampliada nas palavras de Hilary Robinson:

O título de Nochlin “Por que não houve grandes mulheres artistas?” nomeia a questão impossível – impossível, porque ao respondê-la submetemo-nos à premissa, às definições e aos preconceitos da questão. A primeira reação das acadêmicas feministas, diz Nochlin, é pesquisar mulheres negligenciadas e “envolver-se na atividade normal do estudioso especialista que defende a importância de seu próprio mestre negligenciado ou menor”, o que “não faz nada para questionar as suposições que estão por trás da questão [...]. Pelo contrário, ao tentarem respondê-la, reforçam tacitamente as suas implicações negativas” (Nochlin 1971, 147-148). A culpa não está nas nossas estrelas, nos nossos hormônios, nos nossos ciclos menstruais ou nos nossos espaços internos vazios, mas nas nossas instituições e na nossa educação – educação entendida como incluindo tudo o que nos acontece a partir do momento em que entramos neste mundo de símbolos e sinais significativos. e sinais. (150). E que as mulheres contemporâneas devem enfrentar isto: “A desvantagem pode de facto ser uma desculpa; não é, contudo, uma posição intelectual” (176). (2018, p. 5-6)

A análise de Nochlin (1971) desafia não somente as estruturas marginalizadoras das mulheres artistas, mas também expõe a falsidade e as suposições prejudiciais incrustadas em tais questionamentos. Ao fazer isso, ela destaca a importância de desconstruir as narrativas e

suposições tradicionais que perpetuam a desigualdade de gênero e restringem a apreciação e reconhecimento da contribuição feminina no domínio artístico. Esta perspectiva pode servir como uma plataforma para redefinir as percepções socioculturais sobre o gênero feminino na arte e na literatura, favorecendo uma narrativa mais inclusiva e equitativa.

A investigação se aprofunda nas representações femininas nas eras distintas, revelando uma trajetória que se estende desde a veneração divina até a submissão e vitimização. Nesta jornada exploratória, é impossível ignorar a influência palpável da antiga Grécia, onde as mulheres, ora vistas como figuras sagradas, ora eram retratadas como vítimas de violência ritualística e abuso. Nicole Loraux (1995) ilumina esta dualidade ao correlacionar o sacrifício de virgens nas tragédias gregas com o sacrifício ritual de animais, uma prática sacramental da cultura helênica. A análise é bifurcada em duas frentes: uma delas rastreia a metamorfose da representação feminina na arte e na literatura ao longo dos séculos, enquanto a outra se aprofunda no contexto singular da Grécia Antiga e da Idade Média. Loraux discorre:

Sacrificar uma virgem: numa palavra, valer-se do jogo teatral para pensar o impensável, plantar-se no cúmulo da alienação para interrogar ali a norma a partir do desvio – direi eu: sob a proteção de um desvio que se mostra muito evidentemente como tal? Atenta em mascarar o assassinio oculto no sacrifício, a prática religiosa das cidades esforçava-se para que o degolamento do animal fosse submetido a uma encenação rígida. Pulverizando essas piedosas precauções, o gênero trágico, à escuta do mito, entrega as moças ao cutelo do degolador. E o impensável torna-se narração (pois nada dessas mortes virginais será posto diante dos olhos, tudo será confiado à sugestão das palavras): uma narração boa para ser ouvida porque o teatro é ficção. Por certo, a cidade na realidade não sacrificava suas moças; mas, na oportunidade de uma representação, ela oferecia aos cidadãos a dupla satisfação de transgredir imaginariamente a proibição do phonos e de sonhar com o sangue das virgens (LORAUX, 1995, p. 65-66).

Este trecho de Loraux (1995) proporciona uma visão penetrante de como a tragédia grega servia como um prisma através do qual as normas culturais e religiosas eram tanto refletidas quanto desafiadas. A analogia entre o sacrifício de virgens e o sacrifício de animais se desdobra numa crítica velada às práticas religiosas contemporâneas. Ademais, a demarcação entre a representação teatral e a realidade tangível oferece um domínio seguro para a sociedade explorar o impensável, contrapondo as normas culturais de uma maneira que somente a ficção poderia abrigar (LORAUX, 1995, p. 67-68). Este comentário de Loraux é

instrumental para decifrar a complexa interação entre realidade, representação e normatividade na antiga Grécia, e como a tragédia operava como um veículo de expressão e reflexão crítica sobre os valores e práticas culturais dominantes.

Na sequência desta análise, será apresentada uma seleção de obras de arte de variados autores que ecoam a temática central do artigo “Uma Análise da Imagem da Mulher Ocidental na Arte e na Literatura: De Deusa à Vítima”. Esta exibição visual não apenas ilustra a evolução da representação feminina, mas também proporciona uma oportunidade única de dialogar com as perspectivas históricas e culturais que moldaram a imagem da mulher ao longo do tempo, enriquecendo assim a compreensão complexa desta temática intrigante.

Imagem 01: O rapto das Sabinas.



Fonte: Isso Compensa (MORAIS)

A imagem retrata uma cena intensa e tumultuada, pintada por Nicolas Poussin (PAULINO, *s.d*) relacionada ao episódio histórico do rapto das sabinas. Nela, as mulheres sabinas estão no epicentro da agitação, desempenhando um papel de mediação entre os

romanos e os sabinos. Essa representação reflete a narrativa em que foram raptadas e, posteriormente, se tornaram pontes de paz entre dois povos rivais. O episódio ilustra uma sociedade patriarcal, onde as mulheres eram frequentemente vistas mais como propriedades do que como indivíduos com direitos próprios. Isso nos leva à questão dos direitos das mulheres e à importância de defendê-las. Na cena retratada, as mulheres sabinas não tinham o direito de escolher com quem casar, sendo raptadas e forçadas a se unirem aos romanos. Essa violação de seus direitos fundamentais é um reflexo das atitudes dominantes da época em relação às mulheres, que muitas vezes eram tratadas como bens a serem adquiridos, em vez de seres humanos autônomos e capazes de tomar suas próprias decisões.

Imagem 02: O estupro de Cassandra por Ajax.



Fonte: Myth'arts

A imagem retrata um episódio trágico da mitologia grega: o estupro de Cassandra o Menor, durante a queda de Troia (PINHEIRO, 2021). Cassandra, filha do rei Príamo de Troia, foi abençoada com o dom da profecia, mas amaldiçoada a nunca ser acreditada devido ao fato de

ter rejeitado os avanços amorosos do deus Apolo. Na cena, vemos Cassandra buscando refúgio no altar de Atena, simbolizado pela estátua da deusa. Ajax, desrespeitando o santuário sagrado, ataca Cassandra, um ato que despertaria a ira dos deuses e dos homens.

O artista, Johann Tischbein (1806), ao retratar este momento, destaca a brutalidade do ato e o desespero de Cassandra. A intensidade da cena é ampliada pela representação de Cassandra, cujo corpo e expressão facial refletem medo e resistência, contrastando com a postura agressiva e dominante de Ajax. Relacionando essa obra à negação dos direitos das mulheres, podemos perceber que Cassandra representa não apenas uma figura mitológica, mas também a figura da mulher oprimida ao longo dos tempos. Sua voz, mesmo abençoada com a verdade, é constantemente desacreditada e silenciada. Este silenciamento é um reflexo de como as vozes femininas têm sido subjugadas em uma sociedade dominada pelo patriarcado. A opressão vivida por Cassandra serve como um lembrete sombrio da luta contínua pelo reconhecimento e respeito aos direitos das mulheres.

A obra de Tischbein (1806), ressoa fortemente ainda hoje, como uma crítica à subestimação e desvalorização das mulheres na sociedade. O episódio mitológico serve como um símbolo poderoso das injustiças enfrentadas pelas mulheres ao longo da história. A imagem de Cassandra, profetisa desacreditada, ecoa as experiências de muitas mulheres cujas vozes foram ignoradas ou silenciadas. A brutalidade de Ajax personifica a violência e a opressão que muitas vezes acompanham a negação dos direitos das mulheres. Ao capturar este momento, Tischbein não apenas documenta uma tragédia antiga, mas também nos convida a refletir sobre a persistente necessidade de ouvir e valorizar as vozes femininas em nossa sociedade contemporânea.

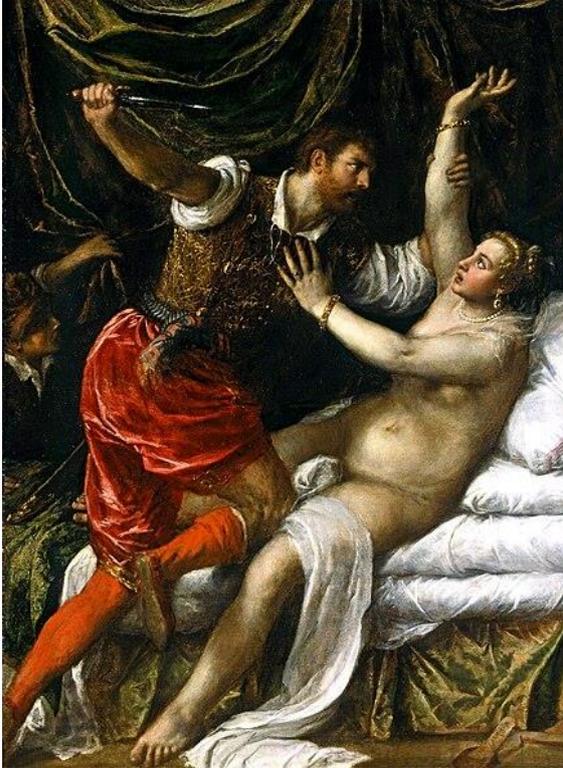
Conforme Sandra Gilbert e Susan Gubar discutem em "The Madwoman in the Attic" (1979), a marginalização das vozes femininas tem sido uma constante na literatura e na cultura ocidental. Elas afirmam que "as mulheres sempre foram as 'outras' na história da literatura, vistas como opostas aos homens e frequentemente reduzidas a estereótipos" (GILBERT; GUBAR, 1979, p. 13). Esse fenômeno é evidente na história de Cassandra, cuja verdade é constantemente desacreditada simplesmente por ser mulher.

Adrienne Rich, em seu ensaio "Notes Toward a Politics of Location" (1994, p. 210-231), também aborda a importância de reconhecer e valorizar as experiências e vozes femininas. Ela escreve: "Precisamos fazer perguntas sobre o mundo que nos foram ditas para não fazer, e ouvir aquelas vozes que nos foram ensinadas a ignorar" (RICH, 1994, p. 212). A história de Cassandra exemplifica essa necessidade de escutar as mulheres, mesmo quando suas vozes são marginalizadas ou silenciadas.

Na mesma linha, Bell Hooks, em "Feminist Theory: From Margin to Center" (1984), argumenta que o feminismo deve centrar-se nas vozes das mulheres marginalizadas para criar uma sociedade mais justa. Hooks escreve: "O movimento feminista deve ouvir as vozes das mulheres que estão na margem, pois essas vozes são as que mais revelam as realidades da opressão" (HOOKS, 1984, p. 46). A tragédia de Cassandra serve como uma poderosa metáfora para a importância de dar espaço e atenção às vozes femininas que foram historicamente negligenciadas.

A obra de Tischbein (1806), portanto, não só documenta uma tragédia mitológica, mas também ressoa com as críticas contemporâneas à opressão e silenciamento das mulheres. Ao capturar o desespero e a luta de Cassandra, Tischbein nos lembra da importância de ouvir e valorizar as vozes femininas, reconhecendo sua verdade e dignidade em um mundo que muitas vezes tenta silenciá-las.

Imagem 03: O estupro de Lucrecia por Tarquínio.



Fonte: Revista Cult, UOL (FELIPPE, 2020)

A imagem apresenta o perturbador episódio de “O estupro de Lucrecia”, pintada por Tiziano Vecellio (1504), uma das histórias mais trágicas e influentes da antiguidade romana. Nela, vemos a nobre romana Lucrecia em profundo desespero, resistindo à brutalidade de Sexto Tarquínio. O contraste entre o terror e a resistência de Lucrecia e a agressividade de Tarquínio é visceralmente retratado, com o peso da cena sendo ampliado pelo uso das cores e a expressividade dos personagens.

Segundo Tito Lívio (1504), os eventos que levaram a este trágico momento começaram de maneira bastante inocente, com jovens romanos bebendo e debatendo sobre a virtude de suas esposas. Lucrecia, tida como a mais virtuosa, foi subitamente colocada em uma posição vulnerável quando sua virtude se tornou objeto de desejo para Sexto Tarquínio. Embora tenha sido inicialmente resistente à sua aproximação, a astúcia cruel de Tarquínio, ao ameaçar sua honra, levou Lucrecia a ceder, culminando em seu suicídio subsequente.

O retrato dessa cena pelo artista ressoa poderosamente com a ideia do subterfúgio dos direitos das mulheres. Lucrecia, em sua tragédia, representa as inúmeras mulheres que, ao longo da história, foram subjugadas, silenciadas e violadas. Sua submissão à vontade de Tarquínio, motivada pelo medo da desonra, revela as expectativas e pressões sociais impostas às mulheres, que muitas vezes são forçadas a fazer escolhas impossíveis para proteger sua honra e dignidade.

Esse episódio ilustra a opressão sistêmica das mulheres, uma questão que se estende por milênios. Simone de Beauvoir (1980), em sua obra "O Segundo Sexo", argumenta que "a mulher foi sempre, se não o escravo do homem, pelo menos sua dependente" (Beauvoir, 1980, p. 17). Essa dependência é evidente na história de Lucrecia, onde sua posição social e seu valor como mulher foram determinados pela virtude sexual que os homens atribuíram a ela.

Judith Butler (1990), em sua obra "Gender Trouble", discute como as normas de gênero são socialmente construídas e mantidas por meio de repetidas performances. Ela afirma que "as mulheres são compelidas a se conformar a um ideal de feminilidade que é imposto por uma cultura patriarcal" (Butler, 1990, p. 33). No caso de Lucrecia, sua conformidade a esse ideal foi utilizada contra ela, resultando em sua tragédia pessoal.

3 CONCLUSÃO

Este artigo oferece uma análise crítica das representações femininas na arte e na literatura, evidenciando como essas imagens refletem e influenciam as percepções e atitudes socioculturais sobre o gênero. Desde a divinização das mulheres na Antiguidade até a representação de figuras autônomas e guerreiras influenciadas pelos movimentos feministas, a evolução dessas imagens revela as transformações nas dinâmicas de gênero ao longo do tempo. A análise detalhada de episódios históricos e mitológicos, como o rapto das Sabinas e o estupro de Lucrecia, proporcionam uma visão penetrante sobre a marginalização e a resistência feminina dentro de uma estrutura patriarcal.

A representação da mulher na arte e na literatura é um espelho das normas, valores e desafios socioculturais que permeiam a sociedade, a arte e literatura ao longo da história. Ela também revela como as mulheres foram vistas e tratadas ao longo do tempo, evidenciando a usurpação sistemática de sua autonomia e direitos básicos. A análise detalhada de várias obras de arte e literatura evidencia a forma como as mulheres foram muitas vezes relegadas a papéis subalternos, vítimas de violência e abuso, e silenciadas em uma sociedade dominada pelo patriarcado.

Através das análises de Griselda Pollock (POLLOCK; *et al*, 1990) o estudo destaca a necessidade de destituir os discursos tradicionais e as estruturas sociais e institucionais que perpetuam a desigualdade de gênero. Tais análises também expõem a marginalização histórica das mulheres no domínio artístico e reiteram a importância de reescrever as narrativas culturais, valorizando a contribuição feminina na atividade cultural criativa.

A investigação se aprofunda ainda mais ao explorar as representações específicas da Grécia Antiga e da Idade Média, com um enfoque especial no sacrifício ritualístico e abuso sexual de jovens mulheres, como ilustrado nas tragédias gregas e em episódios históricos e mitológicos da Roma Antiga. As análises de Nicole Loraux e a seleção de obras de arte que retratam episódios como o rapto das Sabinas, o estupro de Cassandra por Ajax, e o estupro de Lucrecia por Tarquínio, oferecem uma visão penetrante sobre a dualidade da representação feminina e como esses episódios refletem e desafiam as normas culturais da época.

No entanto, este estudo não está sem limitações. Uma delas pode ser a abrangência temporal e geográfica que poderia ser ampliada para incluir representações femininas em outras culturas e períodos históricos. Além disso, a análise poderia ser enriquecida por uma exploração mais aprofundada das interseccionalidades de gênero com outras categorias de identidade, como raça, classe e sexualidade.

Para estudos futuros, seria enriquecedor explorar como a representação feminina na arte e na literatura continua evoluindo no contexto contemporâneo, e como os movimentos feministas modernos estão desafiando e redefinindo os discursos dominantes sobre a feminilidade. Também seria valioso investigar as contribuições de mulheres artistas e escritoras

na redefinição da representação feminina e na desmistificação das narrativas patriarcais tradicionais. Além disso, uma análise comparativa entre as representações femininas em diferentes culturas e sociedades poderia proporcionar uma compreensão valiosa sobre as diversas facetas da experiência feminina e a universalidade ou particularidade das dinâmicas de gênero.

Em suma, este artigo proporciona uma compreensão das interações entre gênero, arte e literatura, lançando luz sobre as maneiras como a representação da mulher reflete e influencia as percepções e atitudes socioculturais. Ao fazer isso, contribui significativamente para uma compreensão mais rica e nuanciada das dinâmicas de gênero e da evolução da representação feminina ao longo da história.

REFERÊNCIAS

Beauvoir, Simone de. **O segundo sexo II - A Foice e o Martelo**. Rio de Janeiro: Difusão Européia do Livro, 1980.

Blumberg, Naomi. "Linda Nochlin". **Encyclopedia Britannica**, 2024. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Linda-Nochlin>>. Acesso em: 10 out. 2023

FELIPPE, Marcio Sotelo. As filhas de Eva e a sociedade de classes. **Revista Cult UOL**, 2020. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/alem-da-lei-estupro-lucrecia/>>. Acesso em 01 julho. 2023.

GILBERT, Sandra M.; GUBAR, Susan. **The Madwoman in the Attic: The Woman Writer and the Nineteenth-Century Literary Imagination**. New Haven: Yale University Press, 1979.

Hooks, Bell. **Feminist Theory: From Margin to Center**. Boston: South End Press, 1984

Loroux, Nicole. **Maneiras trágicas de matar uma mulher: imaginário da Grécia Antiga**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

MORAIS, Rodrigo. A Roma antiga em mármore e tinta a óleo. **Isso Compensa**. Disponível em: <<http://issocompensa.com/arte/roma-sabinas>>. Acesso em: 11 out. 2023.

NICOLE Lourax, antropóloga y helenista. **El país**, 2003. Disponível em: <https://elpais.com/diario/2003/04/11/agenda/1050012009_850215.html>. Acesso em: 10 out. 2023.

NOCHLIN, Linda. **Why Have There Been No Great Women Artists?** New York: W. W. Norton & Company, 1971.

PAULINO, Roseli. Nicolas Poussin. **Arte e Artistas**, [s.d]. Disponível em: <<https://arteartistas.com.br/nicolas-poussin/>>. Acesso em: 11 out. 2023.

PINHEIRO, Maria Cristiane. **O rapto de Cassandra na pintura da cerâmica ática**: um estudo sobre a violência contra a mulher na Grécia Antiga. Dissertação (mestrado em História da Arte) – Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2021. Disponível em: <<https://repositorio.unifesp.br/bitstreams/ebe42365-55d9-4a7a-9ef3-3d3d1f8f8b7b/download>>. Acesso em: 10 out. 2023.

POLLOCK, Griselda. **Diferenciando o cânone**: Desejo Feminista e a Escrita de Histórias da Arte. Londres: Routledge, 1999.

POLLOCK, Griselda. **Differencing the Canon**: Feminism and the Writing of Art's Histories. Encounters in the Virtual Feminist Museum: Time, Space and the Archive. London: Routledge, 1990, 2007.

Pollock, Griselda. **Vision and Difference**: Femininity, Feminism and Histories of Art. London & New York: Routledge, 1988.

Poussin, Nicolas. **O rapto das sabinas**. 1637-1938, óleo sobre tela, 159 x 206 cm.



RICH, Adrienne. **Blood, Bread, and Poetry: Selected Prose 1979-1985.** Nova York: Norton, 1994

ROBINSON, Hilary. **The early work of Griselda Pollock in the context of developing feminist thinking in art history and criticism.** Images, Imagini, Images: Journal of Visual and Cultural Studies, 2018

TISCHBEIN, Johann Heinrich Wilhelm. **O estupro de Cassandra por Ajax.** 1806. Óleo sobre tela, 232 cm X 177 cm.

VECELLIO, Ticiano. **O estupro de Lucrecia.** 1570-1576, óleo sobre tela. 188,9 cm X 145,1 cm.